



## AS MULHERES E SEUS SABERES: PROPORCIONANDO BIODIVERSIDADE NOS AGROECOSSISTEMAS

*Luana Cristine Ferreira da Silva<sup>1</sup>; Mylena Raiza Dos Santos Silva<sup>2</sup> Laeticia Medeiros Jalil<sup>3</sup>; Karine Pereira de Freitas<sup>4</sup>; Maria do Socorro Oliveira<sup>5</sup>*

### RESUMO

Os saberes produzidos pelas mulheres rurais materializam-se nas diversas práticas agroecológicas em todo agroecossistema e nos territórios, através do cultivo, do manejo, do uso de vegetais e animais para alimentação familiar, do uso de plantas medicinais e até mesmo para outras finalidades como o paisagístico. A partir da sistematização dos dados obtidos através das Cadernetas Agroecológicas, este artigo propõe-se trazer algumas reflexões sobre a importância dos saberes produzidos pelas mulheres no seu cotidiano para a reprodução da vida e da agroecologia. A riqueza dos conhecimentos passados por gerações trouxe grandes benefícios, como melhoria na produção, na conservação da agrobiodiversidade, no aumento da fertilidade do solo, no aumento da diversidade vegetal, trazendo respostas significativas para o meio ambiente. Outros fatores observados são as práticas de cuidado com a família, com a comunidade, e com o território, nos permitindo entender a harmonia entre a natureza, a vida (humana e não humana) e o trabalho das mulheres.

**Palavras-chaves:** agrobiodiversidade; Protagonismo feminino; Saberes tradicionais.

---

<sup>1</sup> Luana Cristine Silva, graduanda do curso de engenharia florestal da Universidade Federal Rural de Pernambuco e integrante do Núcleo Jurema: Feminismos, Agroecologia e Ruralidades. E-mail: [luanacristine209@gmail.com](mailto:luanacristine209@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda do curso de engenharia florestal da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Campus Dois Irmãos e integrante do Núcleo Jurema: Feminismos, Agroecologia e Ruralidades. E-mail: [mylenaraiza@gmail.com](mailto:mylenaraiza@gmail.com)

<sup>3</sup> Socióloga, Professora Dra. da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, feminista, mãe de Inácio; Membro do GT de Mulheres da ANA e da Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste; Coordenadora do Núcleo Jurema - Feminismos, Agroecologia e Ruralidades - UFRPE. [laeticiajalil@gmail.com](mailto:laeticiajalil@gmail.com)

<sup>4</sup> Karine Pereira de Freitas, graduada em Licenciatura Plena em História pela UFRPE, íntegra o Núcleo Jurema: Feminismos, agroecologia e realidades/UFRPE. E-mail: [karinne\\_33@hotmail.com](mailto:karinne_33@hotmail.com).

<sup>5</sup> Socióloga, Professora Dra. da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, feminista, Coordenadora do Núcleo Jurema - Feminismos, Agroecologia e Ruralidades - UFRPE. E-mail: [socorrololiveira@gmail.com](mailto:socorrololiveira@gmail.com).

## 1. INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento a partir das vivências das mulheres pode ser marcada por diversos fatores, seja no corpo, nas histórias, nas memórias, nas práticas ou nas relações sociais estabelecidas. Falar de produção de conhecimento, e colocar as mulheres como protagonistas desta produção é ir contra um modelo epistemológico que há muito tempo invisibiliza e silencia as mulheres. Esse modelo que se assenta na visão eurocêntrica, patriarcal, classista, racista, é também responsável pelas violências simbólicas e físicas que apagam os registros da história das mulheres e dos outros sujeitos subalternizados (Quer sejam povos tradicionais, quilombolas, juventudes, etc).

Mãe Hilsa Mukalê do Terreiro de Matamba Tombenci Neto de Ilhéus na Bahia, narra sua história no livro “Do lado do tempo” (2011) algumas reflexões que nos ajudam a pensar como o saber pode ser produzido e como as mulheres o possuem e o transmitem para a suas gerações. *“Minha mãe tinha um ditado que dizia assim: quanto mais a gente ensina, mais aprende o que ensinou. Eu também falo desse jeito. E é só assim, com todo o respeito, que podemos honrar e dar continuidade às raízes que a gente traz dos nossos antepassados”* (HILSA, 2011,p.100). Através da fala de Mãe Hilsa podemos perceber que o conhecimento vai além de uma teoria científica que precisa ser "comprovada e analisada". O saber está enraizado na cultura, no dia a dia, nas histórias de vida, no saber subjetivo, nos corpos, nas almas, no sentir-pensar de cada sujeito.

As mulheres produzem e possuem saberes que se materializam nas práticas cotidianas, nos processos de transição agroecológicos, nos seus quintais produtivos, no manejo da fauna e flora, no cultivo de espécies vegetais, no cultivo e uso de plantas medicinais ou na criação de determinada espécie animal. Elas conhecem suas diferenças de usos, elas experimentam receitas, e reverterem esses saberes em alimentação e saúde para suas famílias, para os vizinhos nas comunidades e nos territórios que vivem e reproduzem seus modos de viver e existir.

Segundo Vivian Motta (2020, p.4) as mulheres negras em diáspora carregam saberes e resistências de regiões tropicais e Semiáridas do continente africano, sendo regiões similares ao país-colônia. *“[...] Elas conheciam sementes crioulas que poderiam ser cultivadas para potencializar a alimentação escassa, sabiam lidar com o solo, tinham conhecimento de como produzir e aproveitar ao máximo os alimentos, conseguiam produzir em pequenos espaços uma diversidade considerável de alimentos [...]”*.

Outra análise que podemos fazer é a construção do conhecimento a partir do corpo-território, que se coloca nos espaços como fontes de afetos, do sentir, das angústias, desejos e dores. Colocando-se em relação com o outro e com o mundo. Sendo esse território fonte de saberes seja no plantar a terra, no cultivar, no experimentar em seus quintais produtivos ou em outros espaços. O corpo se mistura com a natureza, com as experiências que segundo Bell Hooks (2017, p. 124) “*É um modelo de conhecer que muitas vezes se expressa por meio do corpo, o que ele conhece, o que foi profundamente inscrito nele pela experiência (...) é a partir daí que o conhecimento é possível*”.

A Agricultora Maria do Socorro/Côca do Assentamento Carnaúba do Ajudante, em Serra Talhada/PE no Seminário Nacional de Experiências Agroecológicas no Semiárido realizado no formato on-line, declamou em seus versos a interconexão do território com os saberes:

*“ [...] Muitas lições de vida  
Da Caatinga nós tiramos  
Igual ao imbuzeiro  
Água nós armazenamos  
Precisamos nos organizar  
Assim como o croatá  
Sementes nós guardamos  
Como o mandacaru  
Permanecemos de pé  
A estiagem pode ser longa  
Mas grande é nossa fé  
Não devemos nos desesperar  
Devemos, sim, nos organizar  
Pra enfrentar o que vier [...]”*

*(Maria do Socorro/Côca)*

## **1. OS SABERES E A RELAÇÃO COM OS AGROECOSSISTEMAS**

Nos seus quintais<sup>6</sup> as mulheres experimentam, praticam, materializam todo conhecimento acumulado, passados por gerações, ao semear, plantar e cultivar a terra. Utilizando o saber para escolher determinada espécie, criando o consórcio desta com outras, criando sistemas biológicos complexos que interagem entre si, desde o solo, do clima, aos

---

<sup>6</sup> Para Maria Emília Pacheco (1997) os quintais não podem ser entendidos isoladamente, pois diversas zonas de manejo compõem um sistema, como também os espaços de socialização e construção social, em sua diversidade e complexidade. O quintal (ou ao redor de casa, terreiros, pátio etc.) é um local de grande diversidade ecológica, de cuidado, fortalecimento do solo, qualidade de vida, local de lazer, de descanso, agradável, de beleza, onde plantam e colhem sendo também utilizado como um grande laboratório de experimentação.

agroecossistemas<sup>7</sup> como um todo, com as práticas que culturalmente influenciam em todo equilíbrio do sistema agroecológico. Segundo Cardoso et al. (s/d, p. 14):

Nos quintais das mulheres, muitas sementes foram testadas, muitas espécies domesticadas e diversos tipos de manejo foram experimentados antes de serem produzidos em maior escala nas propriedades. E muitas experiências são trocadas entre as mulheres nas comunidades, nos movimentos, nos grupos de mulheres, intercâmbios e eventos de formação tornando essa construção compartilhada. O saber popular das mulheres tem contribuído muito para a ampliação das experiências agroecológicas no Brasil e por isso tem que ser valorizado tanto quanto o saber dos homens.

Na pesquisa realizada com as Cadernetas Agroecológicas<sup>8</sup>, que objetivou sistematizar a produção econômica protagonizada pelas agricultoras agroecológicas<sup>3</sup> e assim dar visibilidade aos seus trabalhos e produção, bem como realizar um levantamento quantitativo e um inventário produtivo do que é de responsabilidade das agricultoras, dando visibilidade ao seu trabalho, colaborando para a promoção da sua autonomia e empoderamento. O projeto de implantação das cadernetas agroecológicas foi coordenado pelo Semear Internacional, Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), em parceria com o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA) e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), realizada em parceria com organizações da sociedade civil e movimentos sociais

---

<sup>7</sup>Segundo Emma Siliprandi (2009, p.109): O agroecossistema é definido como um tipo específico de ecossistema modificado pela ação humana por meio das atividades agrícolas. É a unidade geográfica delimitada (ainda que variável quanto a sua extensão) onde se dão complexas relações entre práticas agrícolas e o ecossistema original. Para se entender essas relações é necessário analisar não apenas os fenômenos ecológicos que ali ocorrem (bioquímicos, agrônômicos), mas também as interações entre os seres humanos.

<sup>8</sup> Com um formato simples e de fácil compreensão pelas mulheres, possui quatro colunas (Consumiu, Deu, Trocou, Vendeu) e ao lado de cada uma, uma coluna para quantidade e uma para valor atribuído a partir dos preços de mercado local. As Cadernetas têm por objetivo organizar as informações sobre a produção das mulheres, ou seja, nelas são registrados o que foi vendido, trocado, doado, e consumido e tudo o que é cultivado nos quintais produtivos ou espaços de protagonismos/domínio das mulheres em suas propriedades. Fonte: <http://portalsemear.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Livro-Cadernetas-Agroecol%C3%B3gicas-e-as-Mulheres-do-Semi%C3%A1rido-resultados-2.pdf>

<sup>3</sup> Compreendemos pôr as mulheres que desenvolvem atividades agrícolas e não agrícolas voltadas para a reprodução dos seus grupos familiares e de proximidade, a partir de práticas sustentáveis (sociais, ambientais, culturais, econômicas e ecológicas) em seus agroecossistemas. Adicionalmente, são aquelas que desenvolvem relações sociopolíticas e econômicas com diferentes autores fundamentais para o processo de transição agroecológica e para a reprodução da vida estando envolvidas em redes sociotécnicas, em movimentos sociais mistos ou feministas ou outros espaços de organização social/política. Elas são portadoras de conhecimentos ancestrais, que ressignificam e transborda suas práticas a partir das necessidades e mudanças ambientais e culturais, desenvolvendo atividades fundamentais para a garantia da segurança e soberania alimentar, para o fortalecimento das relações sociais nos territórios e para a conservação e reprodução da sociobiodiversidade. Fonte: <http://portalsemear.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Guia-de-uso.pdf>

Um total de 909 cadernetas agroecológicas, foram distribuídas em 7 estados e 112 municípios da região nordeste do Brasil, havendo 213.238 anotações e dessas anotações, constatou-se um total de 1.738 produtos e serviços sem repetições. Dentre todos esses produtos, 584 foram alimentos de origem vegetal, 211 plantas e preparos medicinais e 132 mudas e sementes, o que reforça a notabilidade da vegetação no cotidiano das agricultoras.

A partir dos dados, podemos analisar a diversidade da produção e perceber que para as mulheres a escolha das espécies vegetais, o enriquecimento genético, a diversidade biológica presente nos agroecossistemas está intimamente ligada aos saberes que influenciam em seus processos de escolhas seja pelo cuidado com a família, com a natureza, favorecendo a soberania e segurança alimentar, o não uso dos agrotóxicos, a manutenção e a preservação dos agroecossistemas. A relação estabelecida entre as mulheres e a natureza é sempre benéfica proporcionando aumento da diversidade florística, faunística e a melhoria na interação com outros fatores naturais.

Para Emily Oakley (2004, p. 37-39) “essa diversidade contribui para o equilíbrio do sistema agroecológico como um todo”.

As mulheres têm um conhecimento muito sofisticado do seu próprio sistema agrícola e possuem critérios precisos para determinar as variedades a serem cultivadas. Quando solicitadas a enumerar as características desejáveis para o cultivo dos quintais domésticos, suas respostas revelaram não apenas um complexo processo de tomada de decisão, como também os múltiplos usos e manejos das variedades empregadas. Uma vez que o destino da produção é, antes de tudo, o consumo da família e não o mercado, as mulheres dão destaque ao sabor, à adaptação agroecológica, aos usos culinários e ao valor nutritivo dos alimentos cultivados. Todavia, elas também levam em consideração a produtividade e consideram que as variedades locais se desenvolvem bem nas condições dos quintais (Emily Oakley, 2004, p.38).

Toda essa diversidade vai contra um sistema agrícola estabelecido pela modernização conservadora da agricultura<sup>9</sup>, que objetiva apenas a implantação de monocultivos dependentes de fertilizantes, agrotóxicos, sementes comerciais, e a simplificação da dieta promovendo alimentos com baixíssimo poder nutricional. É importante destacar que em contraposição a este modelo, as variedades locais cultivadas pelas mulheres agricultoras agroecológicas, respondem melhor às práticas alternativas de controle de pragas, diminuindo o uso de venenos

---

<sup>9</sup> Segundo Graziano da Silva (1999, p. 91-91), o processo de modernização da agricultura brasileira, “[...] promove a substituição de elementos produzidos internamente pelo complexo rural por compras extra-setoriais (máquinas e insumos químicos) e intra-setoriais (sementes, mudas, reprodutores animais etc.), colabora para o desenvolvimento do mercado interno”.

nas plantações, contribuindo para o clima e favorecendo a segurança e soberania alimentar. Destaca-se que a maioria dessa diversidade é cultivada em consórcio com outras espécies, proporcionando benefícios como melhorias físicas e químicas para o solo, para as plantas e microrganismos presentes, trazendo respostas significativas para o meio. Segundo Ângela Cordeiro (2017, p. 34):

O uso e manejo de espécies e variedades tradicionais e, notadamente, os consórcios e os sistemas agrofloretais e silvipastoris apresentam mais resistência ao ataque de pragas e doenças e ao aumento de temperatura, além de apresentarem maior persistência nas estações secas prolongadas e na presença de déficit hídrico, com maior capacidade de manutenção da produção agrícola.

O conhecimento tradicional das mulheres, ao manejar determinadas áreas na qual elas protagonizam, proporciona melhoria na produção, na conservação, no aumento da fertilidade do solo e na diversidade vegetal. Janaína Betto (2015) afirma que esse conhecimento empírico é muito rico, não só por carregar saberes que são passados geralmente por suas mães e avós, mas por contribuir para a conservação, com boas técnicas e ações de uso sustentável da agrobiodiversidade. Segundo Maria Fonseca e Paola Bianchini (2019, p. 129-171.):

Agrobiodiversidade, ou biodiversidade agrícola, é a parcela da biodiversidade usada pelos seres humanos na agricultura e alimentação, ocorrendo em três níveis: 1) diversidade de espécies podendo variar em espécies de animais, vegetais e microrganismos; 2) diversidade genética que está relacionado com as diferentes variedades, raças ou tipos de uma mesma espécie; 3) Diversidade de ecossistemas agrícolas ou agroecossistemas, que compreende o desenho e a administração cultural e socioeconômica de diferentes espaços naturais por comunidades humanas com modos de vida específicos.

As diversidades de espécies notificadas pelas mulheres se referem também às variabilidades genéticas que proporcionam melhores serviços ecológicos essenciais para o mantimento dos processos dos agroecossistemas. Auxiliando também na manutenção dos componentes chaves que desempenham importantes funções ecológicas. Segundo Claudia C. Flores e Sarandón Santiago (2014, p. 360, tradução nossa):

Suas vantagens incluem: um melhor aproveitamento do espaço da planta, um microclima mais moderado, maior proteção contra a erosão hídrica e eólica, uma maior possibilidade de fixação de nitrogênio atmosférico por meio de árvores, contribuição à recuperação de solos degradados, provisão de habitats para hospedar uma maior diversidade, redução de danos de pragas e doenças, manutenção da estrutura e fertilidade do solo (contribuições de matéria orgânica, maior atividade biológico, acidez reduzida, extração aumentada de nutrientes dos horizontes profundamente a partir do solo).

Outros fatores observados são as práticas de cuidado com a família, com a comunidade, com território e com a vida nos permitindo entender a harmonia entre a natureza e as mulheres que estão em perfeito equilíbrio, sendo suas memórias, suas vivências ancestrais, seus conhecimentos, grandes colaboradoras. Gerlane Rocha (2018, p. 20) relata um pouco de sua memória com sua avó afirmando:

Recordo-me bem o passado de minha infância na casa da minha avó na qual ela fazia remédios caseiros como lambedor, para tosse, chá de boldo para dor de barriga, para queimaduras ela providenciava uma espécie de mistura com um chá e folhas de hortelã grossa para cobrir o ferimento e amarrava com palha de Coco para curar o ferimento.

Assim como a Gerlane Rocha, conseguimos retomar algumas memórias do passado e lembrar das práticas de cuidado através de métodos caseiros de nossas avós, valorizando a biodiversidade e saberes ancestrais, como a utilização de chá de milho preparava para curar catapora quando criança e chá de boldo para dores de barriga. Essas práticas ancestrais estão vivas em nossas memórias, mas sobretudo nos inspiram para sistematizar esse saber que se fez presente em nossas vidas.

Uma grande diversidade de vegetais é comumente utilizada para diferentes finalidades, o que traz grandes benefícios para a saúde, a relação mulher/natureza e natureza/cultura mostra o grande poder do uso das plantas, da importância delas na vida de tantas mulheres e na re/produção de tantos saberes.

No artigo de Luana Silva et al. (2019), foi analisado a biodiversidade a partir dos resultados das Cadernetas agroecológicas, sendo identificado um total de 72 espécies, esse valor correspondendo à quantidade de registros sem repetições; as frutíferas apresentaram os valores mais expressivos estatisticamente, com o percentual de 33%. Essa diversidade de espécies proporciona soberania e segurança alimentar e nutricional que está ligado diretamente às mulheres, sendo elas responsáveis pelo trabalho de cuidado e reprodução da vida e pela garantia dos alimentos e preparação das refeições. São as mulheres que têm um papel chave na construção de sistemas alimentares, distintos do dominante.

O modelo dominante de produção e consumo é insustentável, destruidor da saúde e da vida, as agricultoras se apresentam como ponto de partida para a reconstrução desse sistema, como também na democratização da comida de verdade, do campo e da cidade.

Ricas experiências agroecológicas em diversos contextos socioambientais mostram que as mulheres assumem um papel de grande relevância para a garantia do acesso à alimentação adequada e saudável. Em geral suas práticas agroecológicas estão

orientadas à preocupação com a saúde, a SAN e o meio ambiente, caracterizando-se pela produção diversificada de alimentos (tanto de origem vegetal quanto animal), pelo resgate de cultivos locais e salvaguarda das sementes, pelo aproveitamento dos alimentos por meio do beneficiamento da produção e pela valorização e preservação de tradições culinárias. (Lilium Telles et al, 2019, p. 83-84)

As práticas do cuidado estão associadas a uma/um filha/o, ao marido, ao pai, a mãe ou qualquer parente, como também a comunidade. Falar de cuidado numa sociedade machista, patriarcal, capitalista nos impulsiona a destacar como esse trabalho não é valorizado diante de uma economia neoclássica que exclui e não permite analisar o trabalho não remunerado, atividade básica de grande importância para a sustentabilidade da vida humana e para a reprodução da força de trabalho de mercado. *“A cegueira analítica decorrente desse enfoque não deixa que os homens sejam vistos como seres completamente dependentes das mulheres em tudo o que se refere às atividades de cuidados, sem as quais eles nem sequer existiriam.”* (Carrasco, 2008, p. 92)

Para as mulheres fazer o uso de plantas medicinais está intimamente ligado ao cuidado, a ancestralidade, a identidade, por exemplo, elas cultivam em seus quintais produtivos, que são espaços protagonizados pelas mulheres, ocupados pelos seus corpos, suas vivências, seus conhecimentos e seus saberes. Em estudos realizados por Josabete Salgueiro Carvalho et al. (2013) na comunidade de Várzea Garanhuns/PE, com 154 moradores, em que 71% dos entrevistados, cultivam as plantas medicinais no quintal da própria casa, ou de vizinhos e parentes. Isso demonstra uma transmissão do conhecimento feito na própria comunidade, a partir dos pais, avós e vizinhos.

Muitos dos saberes das mulheres são colocados em uma posição de pouca valorização, fazendo com que a percepção delas em relação a todo seu conhecimento tenham se habituado em um lugar de pouca relevância.

A contribuição de mulheres para o desenvolvimento e conservação da biodiversidade tem sido apresentada como um trabalho e um não conhecimento. Contudo, o tamanho da riqueza dos saberes, das vivências, das formas de preparo, das formas de cuidado e das práticas que perpetuou entre as gerações e nos permitiu ter essa leitura de grande soberania que é as relações das mulheres com a agricultura, conservação e sobretudo com a biodiversidade. (Shiva, 1998, p. 58)

Existe uma potência dentro de cada uma de nós e a nossa participação no resgate desses saberes é de extrema importância. Segundo Emily Oakley (2004) as mulheres apresentam um ativo conhecimento do sistema agrícola, com múltiplos manejos e usos das variedades empregadas. Laeticia Jalil (2017), reforça a relevância do conhecimento que todas



as mulheres possuem, afirmando que desde o conhecimento científico ao empírico, o que sabemos é importante, tem valor, é complementar e são indispensáveis.

## 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo participativo e de organização das mulheres agroecológicas se dá a partir do resgate e valorização dos seus conhecimentos e da ampliação dos processos de experimentação através do cultivo em seus próprios quintais produtivo. Com isso, nos permite fazer uma grande reflexão do estabelecimento da posição de protagonismo das mulheres quanto suas histórias, seus saberes, suas práticas, relações de cuidado para com a família e natureza diante da sociedade machista e patriarcal em que estamos inseridas.

As mulheres com seus saberes ancestrais, suas vivências cotidianas proporcionam diversidade ecológica, o que desencadeia uma grande resiliência dentro do sistema, tornando-se um ponto de partida para a manutenção da agrobiodiversidade, são as mulheres que todo dia estão cuidado dos quintais produtivos, escolhendo e cultivando determinada sementes crioulas, porque possuem conhecimento do seu poder nutricional e medicinal, favorecendo a soberania e segurança alimentar e nutricional. Mas também precisamos destacar que proporcionar todos esses benefícios, é trabalho, seja de cuidado, produtivo e reprodutivo na qual a maioria das vezes não é visibilizado e reconhecido pela sociedade patriarcal, capitalista que exclui e não permite analisar o trabalho não remunerado, atividade básica para a sustentabilidade da vida humana.

Embora já existam grandes pesquisas como a das cadernetas agroecológicas que nos mostram a vegetação no cotidiano das agricultoras de forma indispensável e que destaca como essa relação proporciona diversidade na flora, fauna e em outros fatores naturais, ainda precisamos evidenciar relação que as mulheres têm com a natureza, sendo este um modelo de agricultura a ser seguido e valorizado.

## 3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Eliane Aparecida de Almeida. **Mulheres camponesas e seus quintais agroecológicos: diálogo de saberes em defesa da vida** / Eliane Aparecida de Almeida Barros, 2018. Dissertação (Mestrado em divulgação Científica e Cultural)- Instituto de estudos da linguagem, Universidade estadual de Campinas. Campinas, 2018. p. 27-28.

BETTO, Janaina.; DORNELLES, C. P. N.; MARTINS, E. C. **Os grupos guardiões da biodiversidade como estratégia de conservação: a experiência do CETAP no Norte do Rio Grande do Sul.** 2015.p. 2.

CARDOSO, Beth; SCHOTTZ, Vanessa; NOBRE, Miriam; SILVA, Nívia. PIMENTA, Sara. **Mulheres rumo ao III Encontro Nacional de Agroecologia (Folheto).** Disponível em: <<http://enagroecologia.org.br/files/2014/05/Folheto-mulheres-no-ENA.pdf>>. Acesso: 8 março 2021.

CARDOSO, Elisabeth et al. **Guia Metodológico da Caderneta Agroecológica.** Recife. Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), 2019

Cadernetas agroecológicas e as mulheres do semiárido de mãos dadas fortalecendo a agroecologia: resultados do uso das cadernetas nos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil de agosto de 2019 a fevereiro de 2020. Salvador. **Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), 2020.**

CARVALHO, Josabete Salgueiro Bezerra de Carvalho. et al. **Uso popular das plantas medicinais na comunidade da Várzea, Garanhuns-PE.** Revista de Biologia e Ciências da Terra. v. 13, n. 2, p. 61, 2013.

CORDEIRO, Ângela. et al. **Plano de ações estratégicas para conservação, uso e gestão compartilhada da agrobiodiversidade no Semiárido mineiro como estratégia para adaptação às mudanças climáticas e para a soberania alimentar dos povos e comunidades tradicionais.** Belo Horizonte: Centro de agricultura alternativa do Norte de Minas, 2014, p. 34.

FONSECA, Maria.; BIANCHINI, Paola. **Conservação local e uso a agrobiodiversidade vegetal.** In: MELO, R. F.; VOLTOLINI, T. V. (Org.). Agricultura familiar dependente de chuva no Semiárido. Brasília, DF: Embrapa, 2019.p. 129 - 171.

GRAZIANO, J. S.; **Tecnologia e agricultura familiar.** Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 1999, p. 91 - 91.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade.** 2ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017, p. 100.

JALIL, Laeticia Medeiros. **Mulheres e soberania alimentar: a luta para a transformação do meio rural brasileiro /** Laeticia Medeiros Jalil, 2009. Dissertação ( Mestrado em Ciências Sociais)- Instituto de ciências humanas e sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009

JALIL, Laeticia Medeiros. **Experiência do projeto/processo ATER, feminismo e agroecologia na construção do conhecimento: caminhos epistêmicos e saberes políticos coletivos.** In: JALIL, L. M.; ESMERALDO, G. G. S. L.; OLIVEIRA, M. S. (Org.). Rede feminismo e agroecologia do Nordeste, 1. ed. - Recife, 2017.

MUKALE, I. & GOLDMAN, M. (2011). **Do Lado do Tempo. O Terreiro de Matamba Tombenci Neto (Ilhéus, Bahia), Histórias Contadas a Marcio Goldman**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011, p. 124.

MOTTA, Vivian Delfino. **Por uma agroecologia antirracista**. Disponível em: <<http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/6396>>. Acesso em: 08 de março de 2021.

OAKLEY, Emily. **Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural**. Revista Agriculturas. v. 1, n. 1, p. 37-39, 2004.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. **Sistema de produção: Perspectiva de gênero**. Proposta. Rio de Janeiro, v. 25, n. 71, 1997.

ROCHA, Gerlane. **Nas sendas das memórias: Práticas de reza e saberes fitoterápicos de mulheres rezadeiras (Piloêzinhos-PB)** /Gerlane Bezerra da Rocha, 2018. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em história)- Centro de humanidades, Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira-PB, 2018. p. 20.

SARANDÓN, S. J. **El agroecosistema: Un ecosistema modificado**. In: SARANDÓN, S. J.; FLORES, CLAUDIA. (Org.). Agroecología: bases teóricas para el diseño y manejo de agroecosistemas sustentables - 1a ed. - La Plata : Universidad Nacional de La Plata, 2014, p. 360.

SHIVA, Vandana. —**El saber próprio de las mujeres y la conservación de la biodiversidade**. In MIES, Maria. SHIVA, Vandana. La praxis del ecofeminismo. Barcelona: Icaria, 1998, p. 58.

SILIPRANDI, Emma C. **Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**/ Emma Siliprandi, 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009, p. 109.

SILVA, Luana; SILVA, Mylena; JALIL, Laeticia. **Guardiãs da Agrobiodiversidade: Uma análise a partir das Cadernetas Agroecológica**. In: Encontro de Agroecologia do Agreste de Pernambuco, 6. ,2019, Agreste. Anais... Pernambuco, 2019.

TELLES, Liliam. et al. **Mulheres do Vale do Ribeira (SP) semeando agroecologia, segurança alimentar e nutricional**. In: Instituto Políticas alternativas para Cone Sul (PACS). (Org). Mulheres e soberania alimentar: sementes do mundo possíveis -Rio de Janeiro, 2019, p. 83-84.